



## **LGBTFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR: DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE**

Thiago Guilherme Calixto<sup>1</sup>  
Marlene Helena de Oliveira França<sup>2</sup>

*Universidade Federal da Paraíba*

### **1 Introdução**

A educação está diretamente relacionada ao meio social em que o indivíduo se desenvolve. Todo ser humano recebe do grupo social ao qual faz parte suas concepções, valores e juízos, todos já preestabelecidos e a partir deles constrói seu ponto de vista. Estes princípios e costumes formam os filtros que estabelece a maneira de cada ser humano enxergar o que está a sua volta. Mais especificamente no Brasil, grande parte destes princípios advém de uma hegemonia religiosa, principalmente cristã, que influenciou o discurso estatal, jurídico, médico e educacional durante séculos, conforme assevera Torres (2010). Um destes princípios fundamenta a ideia da heteronormalidade excluindo outras sexualidades e reprimindo os indivíduos LGBTs, taxando sua sexualidade como doentia, condenável e imoral, gerando, a partir da propagação desse princípio condenatório, a exclusão social e as mais diversas formas de preconceito.

A escola como agente educacional é influenciada pelos mais diversos valores sociais e religiosos e, por vezes, reproduz a heteronormalidade, trazendo o discurso segregador institucionalizado, mesmo que implicitamente, para dentro da sala de aula. Sem dúvidas, o silenciamento da escola por meio de práticas pedagógicas e a ausência de políticas públicas que combatam ou minimizem os efeitos da LGBTfobia no âmbito escolar, contribuem para institucionalizar uma violência que por mais que se queira esconder tem sido cada vez mais visível no ambiente escolar, sobretudo por parte de quem é o alvo principal. Ao mesmo tempo em que os jovens trazem consigo uma gama de preconceitos que precisam ser desconstruídos e o melhor ambiente para isso é a escola, o lugar das diferenças e da pluralidade de pensamentos, “crianças podem aprender atitudes homofóbicas com seus pais, mas as escolas devem fazer todo o possível para combater os estereótipos negativos e promover a aceitação” (Charles Radcliffe)<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I – João Pessoa/PB; thiagoguilhermecalixto@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta II do Departamento de Habilitações Pedagógicas do Centro de Educação (UFPB). Membro do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos. Coordenadora do Projeto de Pesquisa (PIBIC), intitulado: Um estudo sobre as mulheres encarceradas no Estado da Paraíba. Consultora do INEP/MEC e Consultora da UNESCO para assuntos penitenciários. marlenecel@hotmail.com; maraufpb2013@gmail.com



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

De acordo com o Relatório<sup>4</sup> realizado pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – (ABGLT) que entrevistou adolescentes e jovens LGBTs, notou-se que 68% já foram agredidos/as verbalmente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero. 25% foram agredidos/as fisicamente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero. 56% dos/das estudantes LGBT foram assediados/as sexualmente na escola. Diante dessa realidade, os movimentos LGBTs vêm reivindicando junto ao Estado políticas públicas de enfrentamento a LGBTfobia, em especial no ambiente escolar, no qual o jovem LGBT amarga as primeiras situações de preconceito fora do espaço familiar e da comunidade em que está inserido, que pode se tornar a causa de vários danos, entre eles, afetar diretamente os processos de aprendizagem quanto no convívio social.

De acordo com a Secretária de assistência social e direitos humanos do Estado do Espírito Santo ocorre LGBTfobia quando alguma pessoa sofre constrangimento, discriminação ou qualquer tipo de violência por ser julgada lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, transgênero não importa se realmente é, ou se o agressor apenas imagina que seja, vale ressaltar que a homofobia nasce do preconceito contra a diversidade sexual, pois as vítimas pertencem a diferentes grupos minoritários de orientação sexual<sup>5</sup> (lésbicas, gays, bissexuais) ou de identidade de gênero<sup>6</sup> (travesti, transexuais e transgênero). Segundo Junqueira (2016, p.4):

Seriam indícios (ou “sintomas”) de homofobia o ato de se evitarem homossexuais e situações associáveis ao universo homossexual, bem como a repulsa às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Essa repulsa, por sua vez, poderia se traduzir em um ódio generalizado (e, de novo, “patológico”) às pessoas homossexuais ou vistas como homossexuais.

## 2 Metodologia

Para discutir sobre a LGBTfobia no âmbito escolar, inicialmente utilizou-se de uma revisão bibliográfica com os estudiosos que escrevem acerca desta problemática, por meio de artigos

<sup>3</sup> Esta é a análise feita por Charles Radcliffe, chefe da seção de assuntos globais do escritório para direitos humanos da ONU em Nova York. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/08/06/escolas-devem-combater-homofobia-que-vem-de-casa-diz-especialista-da-onu/>> Acesso em: 10 ago 2016.

<sup>4</sup> Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016: As experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Disponível em: <<http://www.abglit.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 10 ago 2016

<sup>5</sup> Compreende-se “orientação sexual” como estando referida à capacidade de casa pessoa de experimentar uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas; (INDONÉSIA, 2006, p.9)

<sup>6</sup> Entende-se “identidade de gênero” como estando referida a experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal, por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos. (INDONÉSIA, 2006, p.9)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

científicos, livros e sites da internet. Nesse primeiro momento, optou-se por trabalhar com duas abordagens: primeiramente, como a questão da diversidade sexual é discutida no ambiente escolar buscando destacar o posicionamento de professores e ex-alunos acerca do assunto. Por fim, pretende-se discutir as consequências que a LGBTfobia traz para toda a comunidade escolar na vivência plena de seus ao princípio da dignidade da pessoa humana, um tema ainda pouco difundido, embora frequente, muitas vezes esquecido pela comunidade educacional. Para tanto, aplicou-se um questionário junto a 2 professores de escolas públicas estaduais da região metropolitana de João Pessoa-PB e uma entrevista contendo questões abertas junto a 3 ex-alunos com orientação homossexual.

### **3 Resultados e Discussão**

Ao ser questionada acerca das dificuldades de trabalhar a temática de gênero e sexualidade, a professora Júlia<sup>7</sup> afirmou que sente dificuldade de tratar o tema da LGBTfobia dentro da sala de aula, dizendo que:

“Mesmo os jovens demandando pelo debate, existem escolas onde isso é impossível. Pois, as escolas funcionam como Aparelhos ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1970), e por isso ainda é tão difícil trazer certos assuntos para dentro do ambiente escolar”.

Nesse sentido, também recorre-se a Althusser (1970) para afirmar que a partir do momento que a escola atua como aparelhos ideológico do Estado ela populariza suas ideias oriundas de uma classe dominante, reprime mesmo que de forma implícita ideias contrárias, dissimulando métodos ‘educativos’ excludentes.

Entende-se que a escola é um espaço de todos, por isso deve estar sempre aberta ao diálogo, incitando o pensamento crítico e a reflexão sobre a realidade social na qual está inserida, como uma comunidade democrática deve agregar a todos os setores sociais nas mais diversas discussões. É preciso que se discutam todas as formas de preconceito para que todos que fazem parte do ambiente escolar sintam-se acolhidos em suas diferenças. Calar-se diante desses temas por mais que divida opiniões é fazer com que se o preconceito se consolide dentro da própria escola. Evitar discutir uma temática como a LGBTfobia na escola é institucionalizar o preconceito, independentemente da percepção ou da existência de casos dentro das instituições, omitir estas discussões é fortalecer a ignorância e preservar o preconceito além de perpetuar a invisibilidade. Acerca disso Louro (1997, p. 67) afirma:

---

<sup>7</sup> Visando preservar o anonimato da entrevista, optou-se por usar um nome fictício.



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda eliminá-los, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’.

Desta forma, as instituições educacionais são permeadas pela LGBTfobia. E isto pode ser notado nas mais diversas formas de violência seja verbal ou física. Dentre essas práticas as mais comuns são xingar, ameaçar, amedrontar, intimidar, humilhar, hostilizar, ofender, excluir, difamar, assediar, abusar, gritar, bater, chutar, empurrar, perseguir, violentar, apelidar, furtar ou danificar objetos particulares de pessoas LGBTs ou entendidas como tal. (TEIXEIRA, 2011, p. 26-27). Nota-se isso nas palavras de Pedro<sup>8</sup> “Era comum ser xingado, enquanto passava pelos corredores da escola ouvia me chamarem de bicha. Não queriam chegar perto de mim” e, também na fala do João<sup>9</sup> “A aula tinha acabado e eu estava caminhando em direção à porta, quando vi dois meninos no fundo da sala se insinuando pro meu lado, falavam e faziam gestos sexuais. Foi quando um deles veio até mim segurou meu braço e falou que eu tinha que continuar na sala para fazermos sexo, tomei um susto, mas puxei meu braço rapidamente e apressei os passos em direção ao pátio.”.

É imprescindível estabelecer uma possível diferença entre o que é violência e o que são brincadeiras típicas da adolescência. Acerca disso, Dan Olweus declara que, os critérios estabelecidos constituem: ações reiteradas em depreciação da mesma pessoa num longo período de tempo; desproporção de poder entre agressor e agredido; e ausência de causa ou motivação aparente que expliquem as agressões (*apud* FANTE; PEDRA, 2008). Ao se depararem com um ambiente escolar no qual a violência seja explícita alguns jovens acabam retraindo suas reais personalidades, como foi o caso do Renato<sup>10</sup> “Eu preferia não chamar atenção, tentava sempre me inibir para não ser motivo de piada seja pelo meu jeito de falar, pelo meu modo de agir ou até mesmo pelos meus gostos que não eram nada parecidos com os dos outros garotos. ”

A partir do momento que ocorre algum tipo de violência na instituição educacional, espera-se que os professores e funcionários da instituição resolvam esses problemas com êxito. Contudo, nem sempre os estudantes se sentem à vontade para denunciar tais situações para a equipe educacional da instituição. Seja por vergonha, por falta de confiança, medo, por temer represálias por parte dos agressores, por temer uma possível exposição do assunto dentro da escola.

A partir desse contexto, podemos perceber que o padrão heteronormativo estabeleceu um ambiente de repulsa às diferenças dentro das escolas, evidenciando o ato de violência contra as

<sup>8</sup> Visando preservar o anonimato da entrevista, optou-se por usar um nome fictício para este aluno.

<sup>9</sup> Visando preservar o anonimato da entrevista, optou-se por usar um nome fictício para este aluno.

<sup>10</sup> Visando preservar o anonimato da entrevista, optou-se por usar um nome fictício para este aluno.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

peças LGBTs como forma de autoafirmação por parte de indivíduos que tendo por base estereótipos de gênero estabelecem um comportamento cada vez mais agressivo. Estas ações são extremamente prejudiciais e ocorrem frequentemente, não sendo uma situação rara se torna um problema que precisa ser enfrentado diariamente pelos professores e por toda uma equipe escolar, que, no entanto, muitas vezes encontrassem despreparada para tal situação. Acerca disso, Dinis (2011, p.47) tece o seguinte comentário:

[...] essa ignorância sobre o tema, assim como a presunção assumida por professoras/es de que a escola só deva discutir assuntos universais, sendo somente a norma da heterossexualidade concebida como o natural e universal, exclui a sexualidade de estudantes LGBTTs e faz com que a diversidade sexual e de gênero seja um tema excluído do currículo, mesmo das aulas de educação sexual.

Ao ser indagado a respeito de qual deve ser o posicionamento da escola e do educador diante das situações de preconceito contra LGBTs no ambiente escolar, o professor Bruno<sup>11</sup> responde:

“O papel do educador é saber lidar com a diferença e principalmente ver nela novas possibilidades de transformações em nossa sociedade, podemos e devemos aprender com o diferente [...] em sala de aula devemos e vamos discutir pautas que norteiem antes demais nada o respeito à diversidade.”

Portanto, é imprescindível que as instituições educacionais rechacem toda e qualquer forma de discriminação a partir de uma rede de diálogo entre professores, diretores, pais e alunos acerca da diversidade sexual, que a escola seja um ambiente de inclusão através da informação e do respeito no qual a barreira do silêncio possa ser rompida e a denúncia possa ser ouvida firmando assim um espaço saudável para o desenvolvimento de práticas educacionais que contribuam para uma formação digna para todos os educandos.

## **Conclusão**

Observou-se ao longo deste resumo expandido, que a violência tem se evidenciado nas escolas de forma assustadora podendo ser constatada a partir de dados estatísticos atuais e consultas coletadas junto a professores e alunos. Neste sentido, entende-se que se a LGBTfobia na escola não for compreendida como um problema que precisa ser enfrentado sistematicamente por toda a equipe escolar, acabará por legitimar esta prática esquecendo daquele que é a principal vítima dessa violência

---

<sup>11</sup> Visando preservar o anonimato da entrevista, optou-se por usar um nome fictício.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Reconhece-se ainda que a educação e a escola precisam manter um diálogo cotidiano visando atender as principais demandas da população LGBT, que surgem também de modo frequente nos espaços educacionais formais e informais, mas que muito raramente são atendidas, em razão do desinteresse das autoridades educacionais.

Por essa razão, a elaboração de um material acerca do assunto precisa ser preparado com base em evidências para professores e alunos e disponibilizado as escolas, que necessitem discutir a temática de maneira pedagógica e transversal, com base na educação para os direitos humanos e o respeito à diversidade.

Por fim, constatou-se que existe uma necessidade de articular meios pelos quais os estudantes LGBTs possam denunciar a discriminação e a violência LGBTfóbica nas escolas, desenvolvendo mecanismos que precisam ser eficientes na resolução de tais problemas. Assim, é fundamental que políticas públicas sejam implementadas nas escolas, garantindo a todos os adolescentes e jovens o direito a uma educação sexual que preze a igualdade sexual de forma a emancipar o aluno LGBT.

### **Referências Bibliográficas**

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3.ed. Lisboa: Presença.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n.39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>> . Acesso em: 01 ago. 2016.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Disponível em: < [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07\\_junqueira.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying: para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

TORRES, Marcos. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica.